

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NO DECORRER DA HISTÓRIA

Fabíola Pereira dos Santos¹, Carmem Lucia Diez², Vanice dos Santos³

RESUMO

A Educação Infantil é apresentada na teoria como um campo da educação escolar onde se desenvolve uma pedagogia dita inovadora, preocupada com a formação integral do educando. No entanto, na prática pouco se vê desenvolver uma relação lógica que ultrapasse os limites tradicionalmente impostos pelos conteúdos e/ou eixos. Diante desta realidade, tem-se como questão norteadora deste artigo: O que precisa mudar na educação atual para que a educação infantil venha ao encontro com o tipo de homem que pretendemos formar. Para responder a este questionamento, tem-se como objetivo deste estudo, desenvolver uma reflexão a respeito do que as diferentes concepções de educação que foram surgindo no decorrer da história podem contribuir para melhorar a prática pedagógica. A metodologia de trabalho adotada foi a bibliográfica através da revisão de literatura. Kant, Rousseau, Reale e demais autores pesquisados indicam que é preciso repensar urgente o papel da escola e por consequência, repensar o papel dos professores que tem a tarefa de educar as crianças com vistas a que eles entendam que o desafio não está na simples tarefa de transmitir conhecimentos, mas sim em efetivar na sala de aula desde os primeiros anos de escolaridade uma prática educativa que se preocupe nas formas que levará a criança a compreender a vida e o mundo.

Palavras-chave: Criança; Educação; História.

DESIGN OF CHILD EDUCATION IN THE DEVELOPMENT OF HISTORY

ABSTRACT

Infant Education is presented in theory as a field of school education where an innovative pedagogy is developed, concerned with the integral formation of the student. However, in practice little is seen developing a logical relationship that exceeds the limits traditionally imposed by the contents and/or axes. Faced with this reality, we have as a guiding question of this article: What needs to change in current education so that early childhood education

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil. E-mail: fabidu30@yahoo.com.br

² Professora docente do curso de Mestrado em Educação na Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil. E-mail: miuxe@uniplaclages.edu.br

³ Professora docente do curso de Mestrado em Educação na Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil. E-mail: profa.vanice@uniplaclages.edu.br

meets the type of man we intend to form. In order to respond to this question, the purpose of this study is to develop a reflection about what the different conceptions of education that have emerged throughout history can contribute to improve pedagogical practice. The work methodology adopted was the bibliographical one through the literature review. Kant, Rousseau, Reale and other authors indicate that it is necessary to urgently rethink the role of the school and consequently to rethink the role of the teachers who have the task of educating the children so that they understand that the challenge is not in the simple task to transmit knowledge, but rather to carry out in the classroom from the earliest years an educational practice that is concerned with the ways in which the child will understand life and the world.

Keywords: Kid; Education; History.

INTRODUÇÃO

A escola tem a tendência, de priorizar os conteúdos curriculares, deixando em segundo plano as atividades que trabalhe com a vivência dos educandos. Como consequência, na tarefa de ensinar os educandos a relacionar a teoria com a prática, os professores acabam se preocupando mais em cumprir seus planejamentos do que envolvê-los por meio das emoções e interesses no processo educativo. E para piorar este cenário, a Educação Infantil caminha neste mesmo sentido, ou seja, na preocupação de trabalhar todos os conteúdos elencados no planejamento anual onde é comum a transmissão prevalecer sobre situações de construção.

Diante deste contexto, partindo da constatação de que a ausência de vida no modo como é conduzida as atividades pedagógicas tanto na Educação Infantil como nos demais níveis de ensino, vem contribuindo para a redução da qualidade do processo educativo, este artigo aborda a contribuição que os fundamentos de diferentes concepções pedagógicas desenvolvidas no decorrer da história para a educação das crianças, podem trazer para a efetivação de uma educação integral.

É nesta perspectiva que este artigo tematiza “A concepção de educação da criança no decorrer da história” no sentido de evidenciar a necessidade do professor trabalhar os conteúdos curriculares não, mas, de maneira prazerosa e acima de tudo viva.

Para o desenvolvimento deste tema, a técnica de pesquisa utilizada no estudo foi a bibliográfica que abrange bibliografias já tornadas públicas em relação ao tema de estudo,

que teve como finalidade colocar o leitor em contato direto com o que já foi escrito sobre o assunto, com autores clássicos.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NO DECORRER DA HISTÓRIA

Atualmente a Educação Infantil tem passado por expressivas transformações de caráter social, político e econômico. Essas transformações surgem dos pressupostos que sustentam os modos de vida. Sabe-se que os modos de vida também são vivenciados pela escola. São variantes de diversas diferenças, que se multiplicam a cada dia e esses acontecimentos não podem ser desprezados. As ações educativas vinculadas às práticas sociais compõem a lista de compromissos da educação formal.

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo (KANT, 2002, s.p.).

Por isso, o cotidiano escolar exerce um papel expressivo na formação cognitiva, afetiva, social, política e cultural das crianças que passam parte de suas vidas nesse ambiente pedagógico e educativo.

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos. Se um ser de natureza superior tomasse cuidado da nossa educação, ver-se-ia, então, o que poderíamos nos tornar. Mas, assim como, por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro lado, não faz mais que desenvolver nele certas qualidades, não se pode saber até onde nos levariam as nossas disposições naturais. Se pelo menos fosse feita uma experiência com a ajuda dos grandes e reunindo as forças de muitos, isso solucionaria a questão de se saber até onde o homem pode chegar por esse caminho. Uma coisa, porém, tão digna de observação para uma mente especulativa quanto triste para o amigo da humanidade é ver que a maior parte dos grandes não cuida senão de si mesma e não toma parte nas interessantes experiências sobre a educação, para fazer avançar algum passo em direção à perfeição da natureza humana (KANT, 2002, s.p.).

Sendo assim, a escola é um espaço privilegiado aonde acontecem relações que irão

contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial do educando. Neste ambiente as crianças interagem com grupos que tem a mesma idade que a sua, criam vínculos de amizade e laços de convivência nos quais conseguem desenvolver algumas habilidades e competências que irão contribuir no seu processo de aprendizagem.

Quero que a acostumem a ver objetos diferentes animais feios, asquerosos, estranhos, mas pouco a pouco, de longe, até que a eles se acostume e que à força de vê-los manejados por outrem os maneje ela própria. Se tiver visto na infância sapos, cobras, caranguejos, verá sem horror, quando adulto, qualquer espécie de animal. Não há objetos horríveis para quem os vê diariamente (ROUSSEAU, 1968, p. 43).

Por isso as escolas têm como responsabilidade fundamental promover e incentivar a interação entre os mais variados grupos e comunidades sociais, como também possui uma função fundamental que também nos dias atuais se faz indispensável à relação escola – aluno – professor – ensino – aprendizagem. Na verdade é um ciclo e a mesma deve reunir as diversas ciências, utilizando de forma interdisciplinar e transdisciplinar os conhecimentos ensinados e aprendidos para que se possa possibilitar a formação e construção do conhecimento, derrubando possíveis barreiras que estão no sistema de ensino há muitas décadas.

O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realiza-lo. Não podemos considerar uma ideia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização (KANT, 2002, s.p.)

Desta forma, o ensino e a aprendizagem, devem estar contextualizados dentro da escola e a mesma deve estar aberta e passível de mudanças contínuas para acompanhar essas diversidades e complexidades que se apresentam em cada segmento do sistema de educação como um todo, visando transformar a educação e também o modo de educar.

Um princípio da pedagogia, o qual normalmente os homens que propõe planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação. Esse princípio é da máxima importância (KANT, 2002, s.d).

Então, a mudança de práticas pedagógicas adotadas em escolas e sistemas educacionais com enfoque ainda tradicionalistas deve alcançar e obter êxito de forma acelerada. Pois nos tempos atuais não é aceitável que ainda existam práticas reprodutoras e repetitivas. Para tanto se faz necessário que a atenção dos educadores se volte para o rompimento de novos paradigmas que são solicitados e buscados a cada novo dia. Isto fará com que se busquem novos modelos de aprender a lidar com incertezas constantes que surgem e são apresentadas pelos próprios educandos.

Sabe-se que o ensino é uma forma organizada de transmissão dos conhecimentos e que pode ser transmitido de diversas maneiras. Existem os métodos de ensino formal, informal e não formal. As instituições de ensino são utilizadas para instruir e educar crianças desde a mais tenra idade, quando a criança frequenta um centro de educação infantil ele já está fazendo parte do chamado ensino formal que é aquele onde o educando recebe o conhecimento de maneira organizada, por um profissional de ensino, como um planejamento e metodologia a serem seguidos, dentro de uma unidade escolar.

Porém sabe-se que os limites entre essas três modalidades de ensino estão correlacionados entre si, são permeáveis e caminham juntas. Pois o conhecimento científico só poderá ser adquirido após análises de tentativas sobre o senso comum. Ele é válido a partir daquela sabedoria popular, que depois de serem discutidos continuamente, às vezes passam por algumas transformações e atingem através da ciência, o conhecimento de fato.

Como cita Reale (1990, p. 360-361) a respeito do pensamento de Descartes:

O que urge evidenciar é um fundamento que permita um novo tipo de conhecimento da totalidade do real, pelo menos em suas linhas essenciais. Necessita-se de novos princípios, não importando que eles sejam depois explorados mais em uma do que em outra direção. Trata-se de princípios que, deslocando os princípios aristotélicos, aos quais a cultura acadêmica ainda é ciumentamente fiel, contribua para a edificação da nova casa.

Então, educadores e educandos visualizam a escola sob diversos ângulos, diversos lados, mas se faz necessário que professor e aluno aprendam que o ensino que será ministrado em uma unidade escolar se faz com a construção de conhecimento, alicerçado com a bagagem cultural advinda da criança e somado com o conhecimento adquirido e

transferido pelo professor que deverá resultar em um aprendizado mútuo e coletivo. Pois estamos sempre aprendendo constantemente e por diferentes agentes e vias. Como lembra Rousseau (1968, p. 16):

É preciso, portanto, generalizar nossos pontos de vista e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem arraigados ao solo de um país, se a mesma estação durante o ano todo, se cada qual se prendesse a seu destino de maneira a nunca poder mudar, a prática estabelecida seria boa até certo ponto; a criança educada para sua condição, dela não saindo nunca, não poderia ser exposta aos inconvenientes de outra. Mas, dada a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito inquieto e agitado deste século que tudo transforma a cada geração, poder-se-á conceber um método mais insensato que o de educar uma criança como nunca devendo sair de seu quarto, como devendo sem cessar achar-se cercada dos seus? Se o infeliz dá um só passo na terra, se desce um só degrau, está perdido. Não é isso ensinar-lhe a suportar a dor; é exercitá-lo a senti-la.

Na verdade é o professor que faz as mediações e articulações entre a escola, o aluno, a família e também a comunidade. Por isso para que ela seja realizada de acordo com o tipo de homem que objetiva ajudar a construir, a prática do ensino é um aspecto que deve ser abordado e discutido continuamente por todas as esferas que o promovam. Pois a cada novo dia as crianças passam por transformações, sejam no seu conhecimento cognitivo ou social. E até mesmo os avanços promovidos pelos e por meios de comunicação e mídias, as novas tecnologias fazem parte e estão cada vez mais presentes em nossas vidas.

Rousseau ilustra esta diversidade de elementos que rodeiam as crianças sintetizando-os em “três espécies de mestres” e apresentando o grau de influência que se tem sobre cada uma delas deste modo:

Ora, dessas três educações diferentes a da natureza não depende de nós; a das coisas só em certos pontos depende. A dos homens é a única de que somos realmente senhores e ainda assim só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que certam uma criança? (ROUSSEAU, 1968, p. 11).

Essa dificuldade de controlar a influência e os rumos dos elementos que interferem na aprendizagem pode ser entendida como uma explicação para as problemáticas vivenciadas atualmente nas escolas no que diz respeito à correlação ensino x aprendizagem. A realidade é bem diferente da teoria. E o que de fato está acontecendo, modificando e

dificultando o processo de ensino e aprendizagem escolar?

Na busca de respostas para esta indagação, Descartes (apud REALE, 1990, p. 361) traz algumas contribuições quando no “Discurso sobre o método”, apresenta regras “certas e fáceis” que qualquer pessoa ao observá-las será capaz de diferenciar o verdadeiro do falso. Para justificar o número restrito de regras explica:

Como grande número de leis amiúde só serve para fornecer pretexto à ignorância e ao vício, razão pela qual a ação regula-se tanto melhor quanto menos leis tem desde que as observe de modo rigoroso, então eu pensei que, ao invés da multidão de leis da lógica, me bastariam as quatro seguintes, com a condição de que se decidisse firme e constantemente observá-las, sem qualquer exceção.

As quatro regras como “leis” apresentadas por Descartes, na verdade se resumem a três, porque ele considera a primeira como sendo também a quarta por considerar como sendo o ponto de partida e chegada para se entender qualquer conhecimento ou situação. Assim temos:

1. Como primeira (ponto de partida) e última regra (ponto de chegada), a regra da evidência é descrita com o seguinte enunciado:

Não se deve acatar nunca como verdadeiro aquilo que não se reconhece ser tal pela evidencia, ou seja, evitar acuradamente a precipitação e a prevenção, assim como nunca se deve abranger entre nossos juízos aquilo que não se apresente tão clara e distintamente à nossa inteligência a ponto de excluir qualquer possibilidade de dúvida (REALE, 1990, p. 361-362).

2. Como segunda regra, da divisão, destaca que é preciso dividir cada problema que se estuda em tantas partes menores quantas for possível e necessário para melhor resolvê-lo.

É a defesa do método analítico, único que pode levar à evidencia, porque, desarticulando o complexo no simples, permite à luz do intelecto dissipar as ambiguidades. Esse é um momento preparatório essencial, já que, se a evidência é necessária para a certeza e a intuição é necessária para a evidência, já que para a intuição é necessária a simplicidade, que se alcança através da decomposição do conjunto em partes elementares até o limite possível (REALE, 1990, p. 362).

3. Como terceira regra, tem-se a síntese, que é enunciada por Descartes (apud REALE,

1990, p. 363) com as seguintes palavras:

A terceira regra é a de conduzir com ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-se, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos, supondo uma ordem também entre aqueles nos quais uns não precedem naturalmente aos outros.

4. Como quarta regra, retornando ao início tem-se a verificação, para “impedir qualquer precipitação, que é a mãe de todos os erros. Por isso, Descartes conclui dizendo: A última regra é a de fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais a ponto de se ficar seguro de não ter omitido nada” (REALE, 1990, p. 363).

Seguir esses quatro passos, ou regras, em muito facilitará na compreensão dos reais motivos que geram as dificuldades que a maioria das unidades escolares está enfrentando. Uma vez com a resposta em mãos torna-se possível elaborar um planejamento mais eficaz que possa suprir as necessidades vivenciadas no cotidiano escolar.

No entanto no momento de colocar em prática este planejamento é importante ter em mente as palavras de Rousseau (1968, p. 11) quando enfatiza que:

Sendo, portanto, a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la.

As palavras de Rousseau vêm lembrar-nos dos aspectos humanos que caracteriza a educação infantil, ou seja, estamos educando crianças, indivíduos que devem ser vistos como seres únicos e que não existe uma receita pronta que seja eficiente para resolver todos os problemas, para cada alternativa que se mostrar eficiente para auxiliar no avanço de um grupo não apresentará o mesmo sucesso em outro. Mas estas limitações na busca de alternativas para a conquista da qualidade na educação não devem ser vistas como motivo de desânimo, pelo contrário, deve ressaltar sempre que é preciso ir além porque a educação sempre terá uma função importante na sociedade.

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação esta essencialmente condicionada pela

transformação dos valores válidos para cada sociedade. À estabilidade das normas válidas corresponde a solidez dos fundamentos da educação. Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa (JARGER, 2001, p, 4)

A partir das orientações de Descartes (*apud* REALE, 1990) e Jaeger (2001), se a sociedade atual quiser formar cidadãos pensadores, críticos, capazes de transformarem a sociedade, é preciso que os professores não utilizem apenas das ciências nas teorias simples e objetivas ou do senso comum sem experimentações. Na formação das crianças é importante apresentar a realização da prática sobre a teoria não se esquecendo de ouvir a crianças, conhecê-las, entender o que querem e precisam. Partindo deste pressuposto de moldar a prática educativa, mudar o modo de ser, reconhecer as limitações e a necessidade de buscar permanentemente formações que atinjam com eficácia essas transformações de práticas educativas, findando em uma reflexão das próprias ações e metodologias de ensino para melhorar a cada dia e de acordo com as necessidades desta nova sociedade que está formando-se.

Como em toda a história da humanidade a educação, seus métodos e modelos de ensino vêm moldando-se e aprimorando-se com o decorrer dos anos. Com o avanço dos estudos sobre o ensino e aprendizagem de educandos, das ciências e tecnologias tudo fica mais fácil de ser analisado e interpretado por profissionais que trabalham na área da educação. O professor é uma figura deste processo, pois o mesmo é o que está em contato direto com o educando, mas para chegarmos até onde estamos com definições e conceitos a respeito de cada detalhe do processo ensino-aprendizagem se passaram anos buscando respostas e comparações do que é, na verdade melhor, de ser utilizado em um ambiente escolar. Quais as melhores metodologias, melhores planejamentos, que tipo de aula e que praticas educativas são melhores para cada idade. Enfim as indagações são muitas e as respostas também. Mas não se deve esquecer de que o personagem principal neste processo é o aluno, sendo a partir dele que devemos centrar todas nossas expectativas de êxito no aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se evidenciar através deste artigo que para superar as práticas tradicionais de ensino que ainda se encontram muito presentes no cotidiano das escolas é preciso que o professor esteja sempre se atualizando para poder proporcionar ao aluno aprendizagens reais que realmente poderão fazer diferença em suas vidas. Porém não esquecendo que o aluno é a parte central do processo. Os autores pesquisados mostram que desde o tempo dos gregos já se tinha um entendimento de que uma aprendizagem significativa só é possível a partir de uma visão da criança de modo integral.

Torna-se necessário que se desenvolvam as capacidades perceptivas das crianças: ver, tocar, ouvir são características que devem ser estimuladas e desenvolvidas e podem ser consolidadas através da diversificação de metodologias.

O processo ensino-aprendizagem no contexto escolar principalmente da Educação Infantil precisa ser compreendido como sendo aquele a partir do qual a criança desenvolve as condições de não somente informar-se sobre a realidade, mas também de interpretá-la e agir de modo a serem atendidas suas necessidades.

REFERÊNCIAS

JAEGER, W. W. **Paideia**: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3 ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

REALE, G. **História da filosofia**: do humanismo a Kant. Vol. 2. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.